MEYRELLES DO SOUTO

OS AZULEJOS DO CONVENTO DA GRAÇA DE LISBOA

SEPARATA DA
REVISTA MUNICIPAL
N.os 120-121

LISBOA
1 9 6 9

OS AZULEJOS DO CONVENTO DA GRAÇA DE LISBOA

Anexo à igreja da Graça (tão conhecido do povo alfacinha pela célebre e respeitada Imagem do Senhor dos Passos, donde sai anualmente em tradicional procissão), erecta lá no topo do morro que domina, a cavaleiro, toda a baixa lisboeta, ergue-se o Convento do mesmo nome há muitas dezenas de anos desocupado dos seus legítimos donos e construtores, os frades gracianos da ordem de Santo Agostinho, e transformado em aquartelamento militar. Lá esteve, até há pouco, o 1.º grupo das Companhias de Saúde, o qual tive a honra de comandar, em longa comissão.

Não é, no entanto, a história das vicissitudes conventuais que me traz aqui — obra futura de outro melhor aparo.

Desejo, apenas, para que de todo se lhe não perca a memória, dar notícia ao público duma obra artística ainda lá existente, para cuja conservação e bom estado bastante contribui, a fim de que dela se mantenha lembrança, mesmo quando o vandalismo dos tempos futuros a tenha desfeito e reduzido a pó — como sucede a tantas outras, por esse país iconoclasta além.

À Direcção dos Monumentos Nacionais, por intervenção minha, se ficou devendo seu registo fotográfico, que agora dou a público, com os meus agradecimentos pelo serviço prestado.

•

Entra-se no ex-Convento, reedificado no século XVIII por Caetano Tomás de Sousa, passando sob arco abobadado que nos conduz a um claustrilho, gracioso e simples. Quadrado, de 20 metros de lado interno e 27 no externo, levanta-se-lhe, ao centro, a boca oitavada de cantaria da cisterna, com restos das ferragens antigas; era de abóbada de tejoleira. Em torno, com a traça alterada por inelegante teimosia dum oficial (já chamado a contas), corria o passeio claustral, de chão lajeado outrora, pavimentado a vidraço, actualmente. Inestéticos azulejos recentes e ordinários cobrem-lhes as paredes. Falta de gosto!

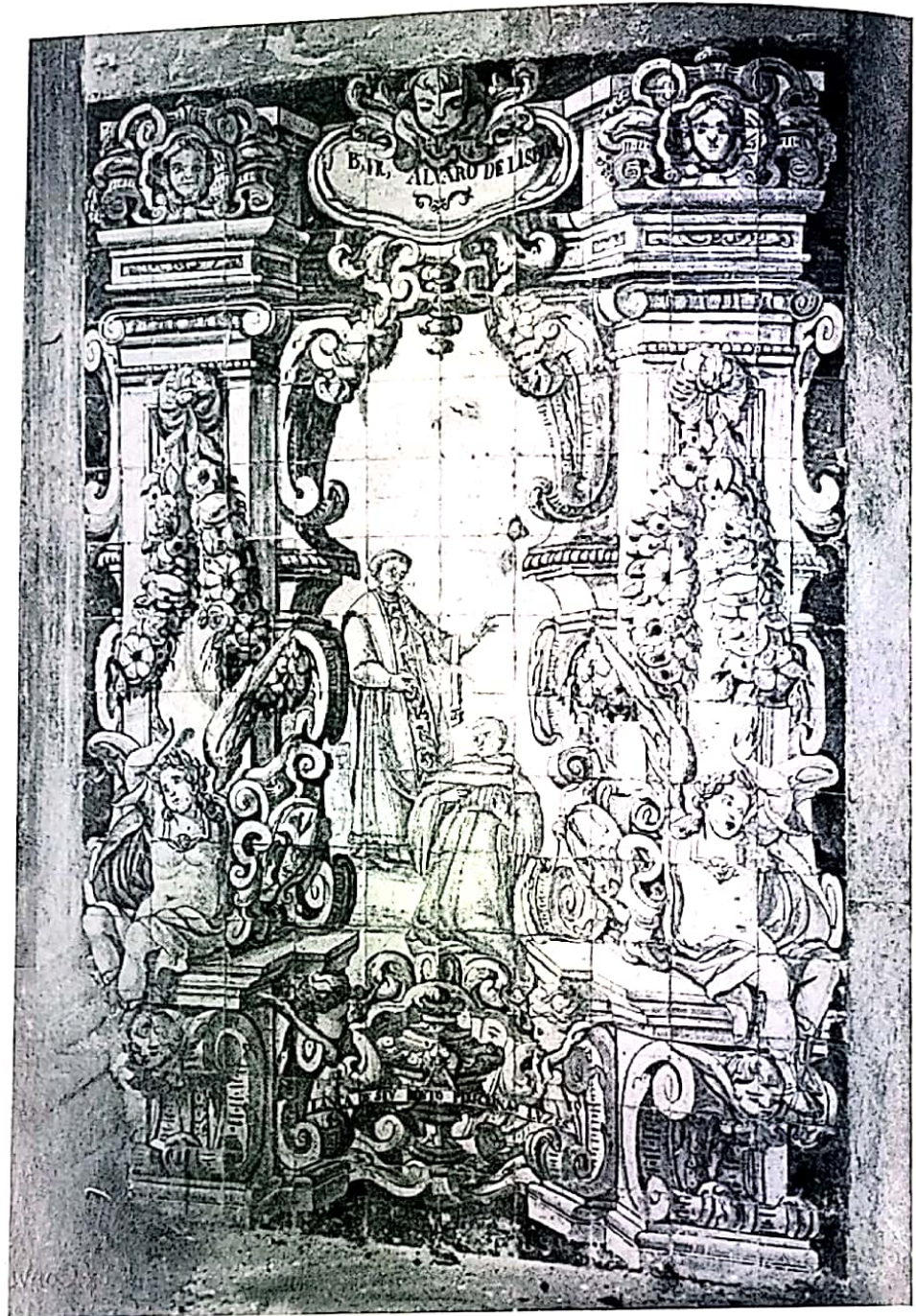



Fig. 1 — Beato Fr. Álvaro de Lisboa

Deste se passa, por arco de origem, num canto, para o grande claustro conventual, amplo, de planta quadrada, também, de 30 metros no lado interno e 40 no externo, com 2 pavimentos, muito semelhante ao filipino do próximo Convento de S. Vicente de Fora da mesma época e, quiçá, até da mesma mão.

No fundo poente colocaram o antigo refeitório, de abobadado alto, a gozar da vista sobre a cidade, alegre, desafogada e calma.

No lado ocidental do mesmo claustro, situa-se a sala capitular fradesca, a peça mais notável, sem contestação, de todo o conjunto, pela colecção de azulejos que encerra, ainda bastante bem conservados, apesar do vandálico e criminoso atentado de cegarem os olhos de todas as personagens. Boas almas!

Para ela dava uma capela, que foi de mérito, com altar de embrechados marmóreos e igual moldura do retábulo — o que me parece coisa muito rara — hoje desmantelado, com desaparição do frontal, tudo, no entanto, ainda de meu conhecimento, obra do mesmo género e composição.

•

A entrada para o capítulo faz-se por uma como-ante-sala, com dois arcos, à nossa esquerda, da qual sobe ampla escadaria, à dextra, a ligar ao piso superior.

Nesse recanto, já algo se mostra das munificências artísticas, que iremos copiosamente encontrar.

II

Entremos na quadra, que se alonga na face maior do claustro, orçando assim por uns 30 metros de comprido e uns 8 de largo.

A parede oriental alegra-se com a abertura de vários vãos para o claustro, enquanto a oposta corre inteiriça, salvo a entrada da capela atrás referida.

Ao passar a porta, transposto o arco mais à esquerda, logo encontramos o primeiro painel de azulejos, a revestir as paredes até dois metros de altura, em tons de azul de variados matizes, sobre fundo branco, a levar-lhes o sombreado precioso e a acusar o relevo necessário. Do 1.º quartel do século XVIII, não assinados, não encontrei sigla ou sinal que os pudesse identificar quanto ao autor, mas são de feitura portuguesa e, julgo, lisboeta.

Pertencem a um de 2 tipos diferentes quanto à figuração; porém, todos são representativos de passos da vida de diversos membros da Ordem, muitos deles antigos habitantes do cenóbio, e, quase sem excepção, considerados «Veneráveis», quer dizer já dignos de culto, pelo menos particular.

Mártires quase todos, o conjunto é sinal de devoção de seus irmãos de Regra, prova de

Fig. 2 — Beato Frei Guilherme de Sagos

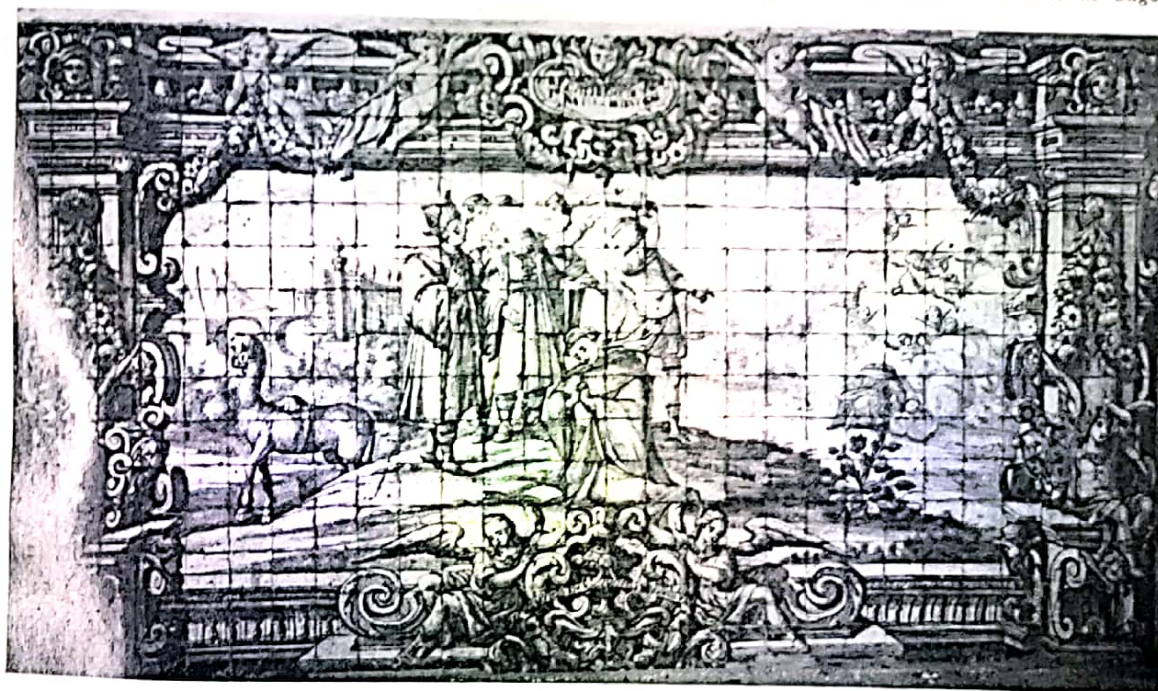



Fig. 3 — Beatos Fr. António d'Elvas e Fr. Inocencio de Barcelos

admiração e respeito pelas obras deles, realizadas aquém e além-mar.

São de dois tipos, como disse:

uns (chamemos-lhes individuais) mostram apenas um ou dois homenageados, com os respectivos elementos biográficos ligeiros, a rememorá-los; outros, em majestosos e grandes quadros estendidos sobre a parede mais longa, a da direita, ricos de pormenor, representam cenas inteiras mais importantes ou de maior relevo religioso e social.

Seguindo por ordem de encontro, topamos com

1) *Beato Fr. Álvaro de Lisboa.*

Dentro de moldura rica de ornatos floreados e de adornos renascentistas enfeitados, no topo cimeiro, com cabeças angelicais, e aos lados, com grinaldas floridas que descem sobre anjos sentados e de asas levantadas — um sacerdote, revestido de casula e manípulo, lança esta frase da sua boca:

«Quasi sol refulgens sic iste»

dirigindo-se a um frade ajoelhado a seus pés.

Na base farfalhuda de enfeites pode decifrar-se um dístico explicativo, em legenda:

«Lança de seu rosto peregrinas Luzes»

Não sei se será tradução livre das palavras citadas, se alusão à memória biográfica do Beato, sobre o qual não consegui obter melhores informes.

2) Segue-se o «*Beato Padre Guilherme de Sagos,* natural de Tentugal, o qual, segundo a legenda infraposta «padeceo martirio em Nagumovela (?) da Arménia Maior.»

(A Arménia Maior (Major) situava-se entre o Tigre, a sul; o Eufrates, a Oeste; a Assíria, a leste; a Ibéria ou seja a Georgia, a Norte, lá na Ásia).

. . . Até onde se espalharam os nossos fradinhos, levando consigo a Fé de Cristo e um pouco da nossa alma lusitana!!

É composição de 4 metros de comprido e mostra a degolação (por meio de cimitarra, às mãos dum turco na presença de quatro homens vestidos à oriental, um deles longibarbudo) dum pobre fradinho semi-ajoelhado, em ar de vítima inocente predisposta ao sacrifício.

Aqui, o conjunto é completamente diverso, e o quadro tem aspeto de pretender apresentar determinado facto histórico. À esquerda, um dromedário marca exotismo, colocado à frente das muralhas citadinas fortes e resistentes.

A legenda é apresentada em cartela por duas figuras aladas, tudo enquadrado em moldura setecentista.

3) Separado do segundo, como este do primeiro, por janelão com bancos de pedra em cujo vão de grossa parede se desenham cenas de caça, de pesca e de pastorícia, apresentam-se

«*B. Fr. António de Elvas* e

Fr. Innocencio de Barcellos» os quais «padecerão em Lunel de França, às mãos dos luteranos 1561 — 17 de Março»

Os mártires estão em pé, lado a lado, serenos e majestáticos, e outra figura feminina, de costas para nós, o olhar enlevado neles.

«Credo in Sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam» é brado que lhes sai da boca, enquanto um anjo os coroa de mártires e os sicários lhes enterram longos punhais.

(Lunel ou Lunate é cidade a 24 km NE de Mompilher, terra de bom vinho, onde os protestantes se fortificaram no século XVI).

Em segundo plano, por trás das figuras, vêem-se nitidamente lanços amuralhados e torres de defesa.

A moldura e as dimensões são semelhantes às do anterior.

(Não confundir este Fr. António de Elvas com o homónimo, sob D. João II enviado em missão a Castela, em 1483).

4) Vem a seguir

«*Beato Fr. Manuel da Nazareth da cidade de Lisboa*».

«Morreu pela Fé à mãos dos moiros na ilha de Zamzibar *(sic)* ano 1646» (?).

(Zanzibar é a forma aportuguesada de Zanghibar, ou seja «terra de negros»: Bar, costa; Zang, negro. Para os portugueses, «mouros» eram todos os islamitas, fosse qual fosse a cor da epiderme e as convicções sunitas ou chiitas.

A 28 de Janeiro de 1488, no regresso da nunca assaz celebrada primeira viagem de Vasco

Fig. 4 — Beato Manuel da Nazareth

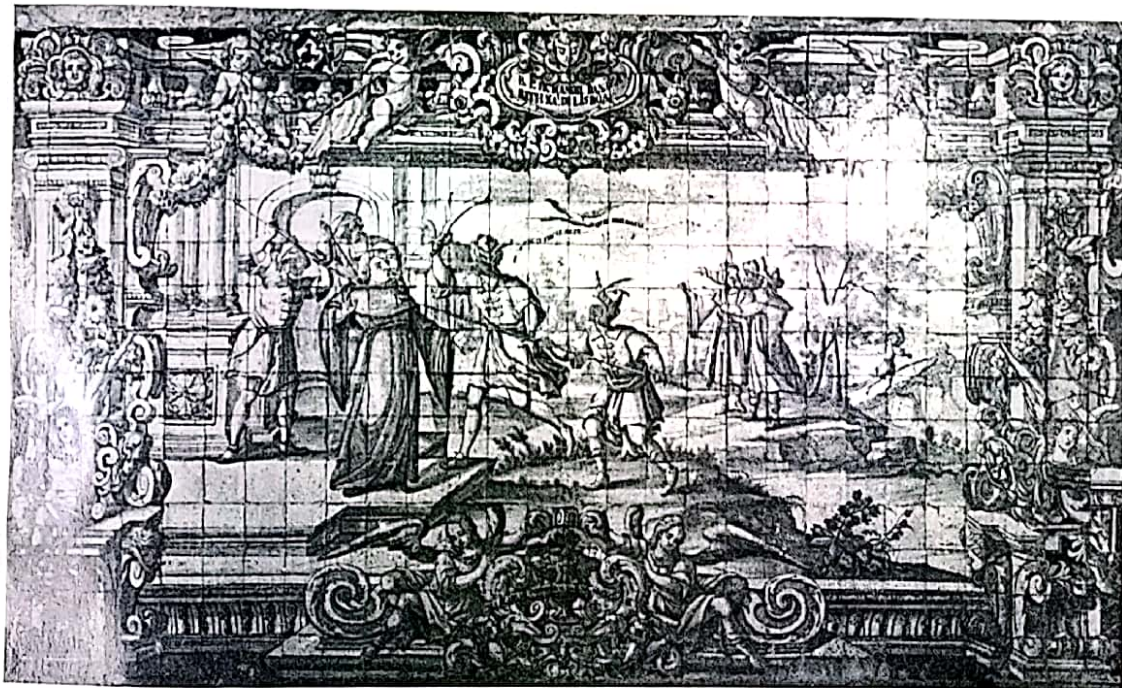
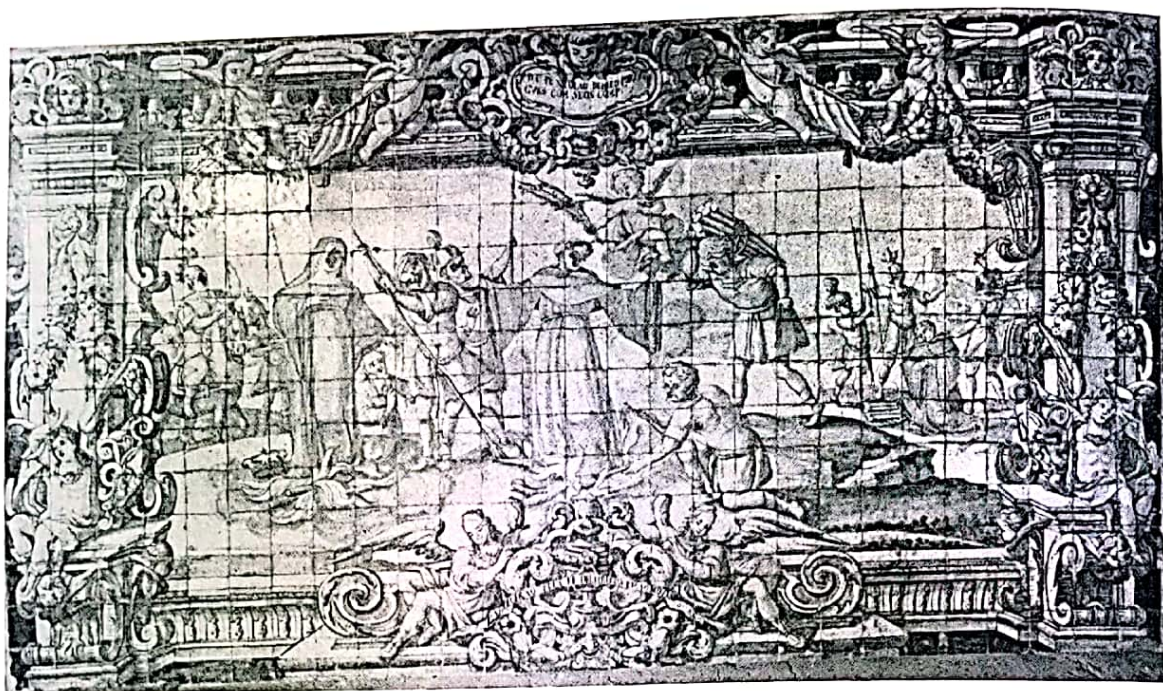



Fig. 5 — Beato P. Fr. Nicolau de Melo

da Gama à Índia, este navegador tocou, também pela vez primeira, em Zanzibar).

Enquanto o espetam com comprida lança e o ferem com alfange, o mártir exclama: «facti sunt sicut oves occisionis».

Moldura e medidas semelhantes aos dois anteriores, enxergam-se no plano fundeiro dois agrupamentos humanos com trajes ricos. . . em demasia para tal ilha, conversando animadamente, alheios ao martírio.

5) Vem, a outro lado do janelão, «*B. P. Fr. Nicolao de Melo,* português com seus comp.os» (companheiros) «que padeceram pela fé de Cristo em Moscovia, ano 1614».

«Igne nos examinasti», pode ler-se na palma do mártir, segura por um anjinho, explicando bem patente o processo usado para o matar: a fogueira chamejante sob seus pés, atiçada com vontade pelo carrasco. De braços abertos, em ar de quem perdoa, o frade está erecto. Ao lado, uma freira arde também, pois achas não faltam, trazidas às costas de mancebo que verga sob o peso. Mais ao fundo, outro mártir está sentado junto ao lume, ainda apagado, que soldados empenachados lhe preparam. Um velho ajoelhado reza e implora à vítima, e, por trás, imponente cavalgada se esboça, esfumada na paisagem.

É quadro dramático, espectacular, mas ainda iremos encontrar melhor.

— Este Fr. Nicolau, eremita da Ordem Agostinha, nado em Belmonte (1550), professou em Castela e foi martirizado na Rússia (Astracã). O azulejo diz claramente 1614. Outras fontes indicam 1616, erradamente, e até 1611 em evidente gralha: 30-XI-1614.

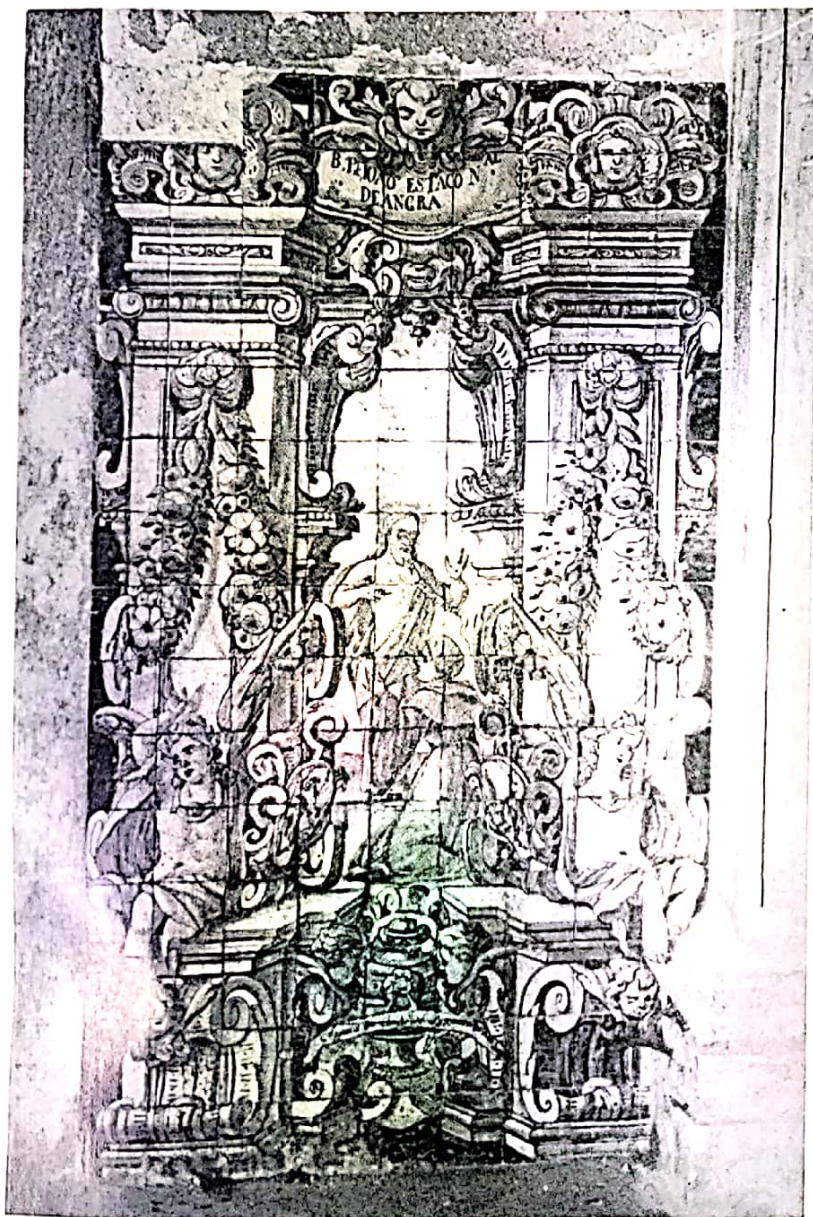
Deixou de sua autoria, consequência de missionação pelas Filipinas, Rússia e Oriente: «Relação dos trabalhos que padeceu na conversão da gentilidade.»

6) «*B. P. João Estaço, natural de Angra*», onde veio à luz em princípios de 1500 e falecido em 4-4-1553 em Valhadolide, é o imediato. Professara em Salamanca e foi ao México. Converteu e baptisou mais de 200 000 indígenas, pelo que o crismaram «Apostolo de Huaxteca». Em 1545, vigário provincial naquele país, missionava na própria língua indígena que aprendera. Fundou conventos em Huetjutla, Puebla

e Tepecuacuilco e em 1550 seguiu para o Perú, conselheiro do vice-rei António de Mendoza. Em 1552 voltou a Espanha, nomeado bispo de Guadalajara (México), mas faleceu a seguir.

De grandes virtudes, com dons de profecia, foi tido por santo mesmo em vida. Deixou manuscrito: «Memorial dos singulares favores e benefícios que recebi da Mão Divina».

Do tipo individual, «Cristo apareceu-lhe e mostrou-lhe as cinco chagas» — reza a legenda.

Fig. 6 — Beato P. João Estaço

Da boca divina sai a frase: «Vide quem vole extuli».

É conjunto cuja moldura repete a de Fr. Álvaro de Lisboa, diferindo no centro, quando o Divino Senhor mostra as mãos e os pés a seu adorador ajoelhado e extático.

Beato João Estaço é glória açoreana, e os conterrâneos nele têm grande confiança e muita admiração.

7) Chegámos agora à parede do fundo:

O «*V. P. Fr. Diogo de Santanna,* natural do Termo de Bargança *(sic)* com 5 bispos e 10 sacerdotes das duas dioceses prestam obediência ao Sumo Pontífice». Nasceu em Lampares (ou Rumo de Lampares), lugarejo de Bragança.

À esquerda sobre uma mesa, colocaram o Crucifixo, por baixo do qual se lê «Romano/ /Pontifice B/Petri Apos/tolorum/Principis/successori obe/dientiam spon/demus ac juramus».

Da mesma banda, três bispos empunhando o báculo, à frente da cruz arquiepiscopal, ajoelham, enquanto Fr. Diogo com gesto imperativo aponta o Crucificado e o dístico referido. À sua esquerda, de joelhos, no primeiro plano, um prelado (o Papa?) com ar humilde e benévolo, e, atrás, mais dois bispos com seus báculos; religiosos e cavalheiros e pagens todos estão reverentes. Pelo ar, revoada de anjitos com trombetas e clarins.

«Ite Angeli veloces ad gen/tem convulsam»

No enquadramento superior mais dois anjos empunham tubas, e «puttiti» desfraldam ramos de flores.

A legenda inferior (que atrás transcrevemos) está segura por dois anjos maiores. A cena passa-se no interior de aposento renascentista.

— Fr. Diogo professou em Lisboa (1594) após formatura em Salamanca. Em 1595 foi para a Índia com D. Fr. Aleixo de Menezes e seguiu

Fig. 7 — Venerável Padre Frei Diogo de Santana

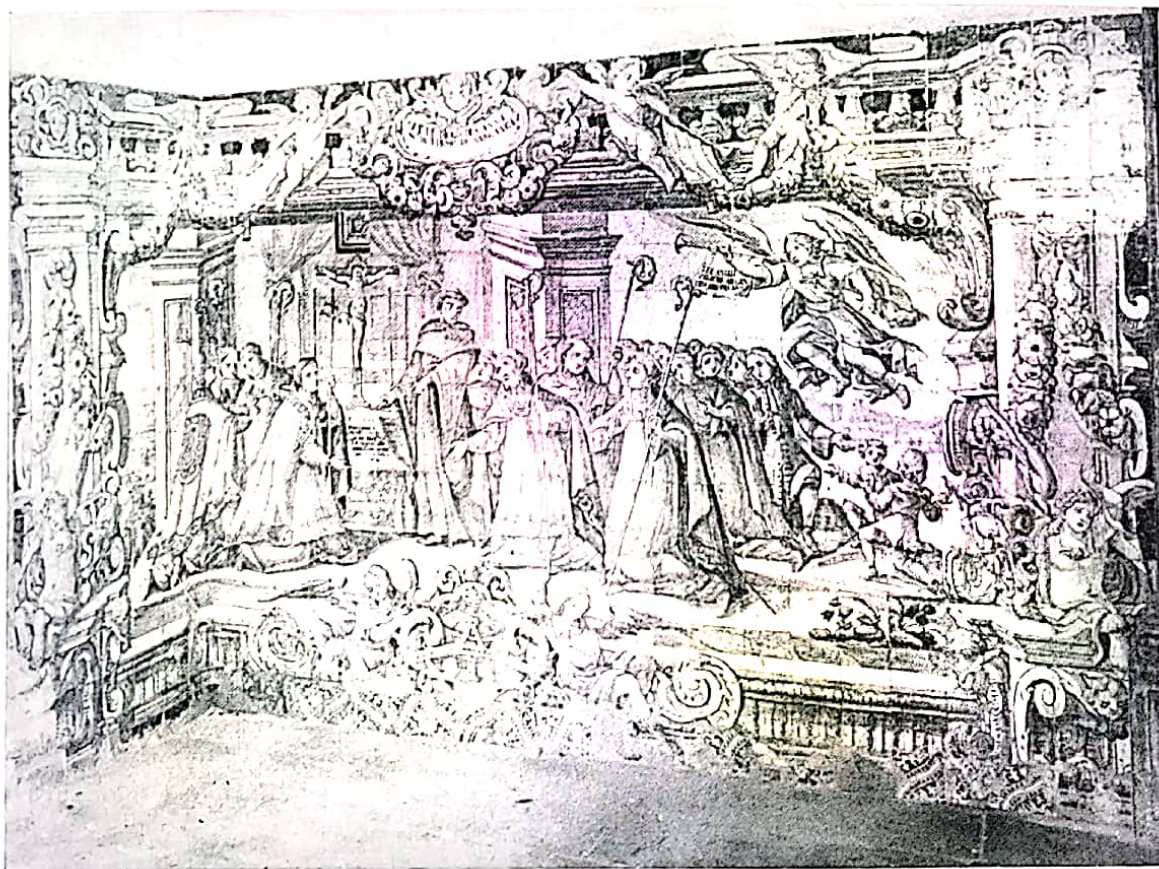
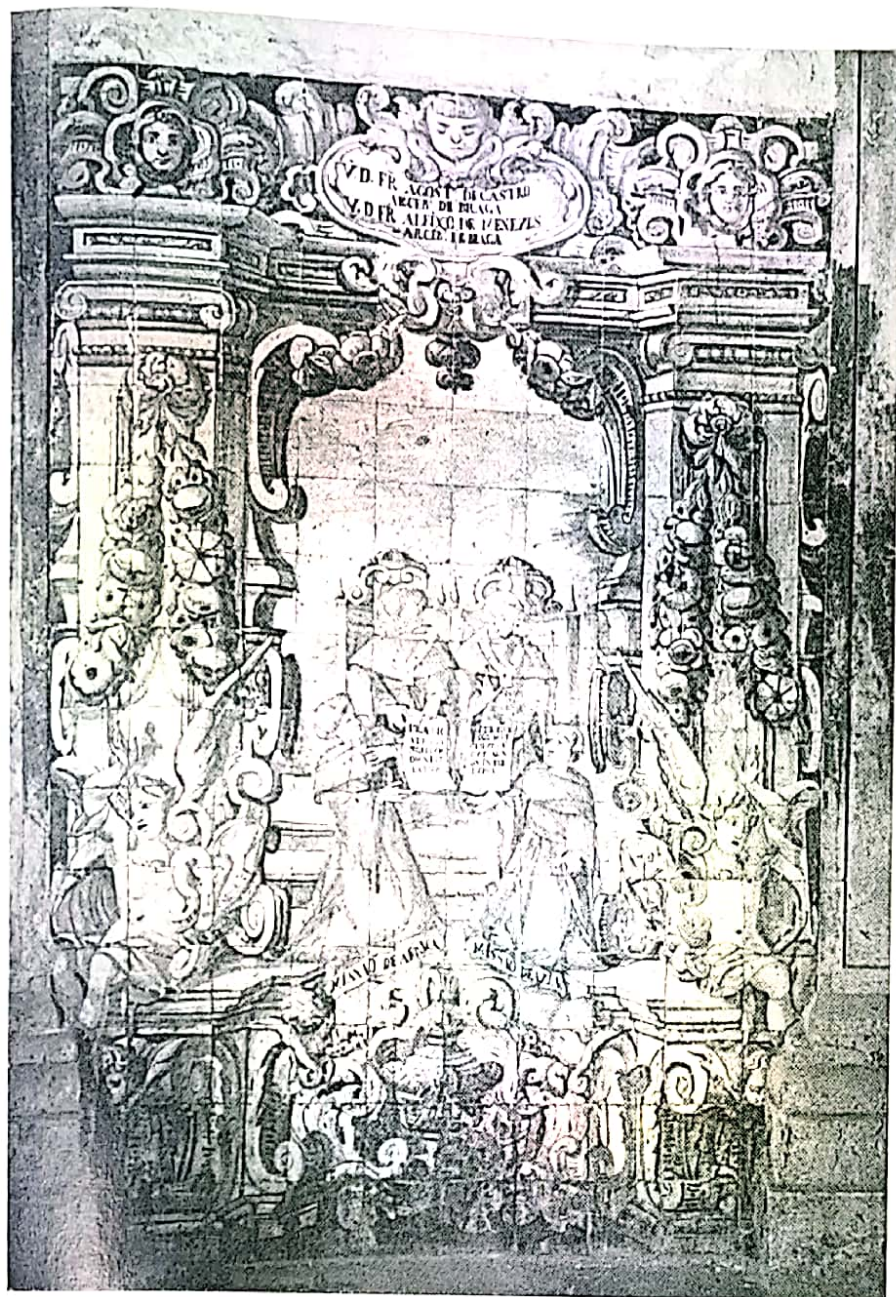



Fig. 8 — D. Fr. Agostinho de Castro e D. Fr. Aleixo de Menezes

para a Pérsia, Ispaão. Converteu ao catolicismo o Patriarca David da Arménia, mais 5 bispos e uns 10 sacerdotes de rito oriental. Foi deputado da Inquisição em Goa, reitor do Colégio de Santo Agostinho, provincial na Índia e recusou a mitra de Meliapor. Por defender os interesses das freiras das Mónicas, malquistou-se com o 27.º vice--rei, Conde de Linhares, D. Miguel de Noronha

Fig. 9 — Veneravel Fr. Aleixo de Pena Firme

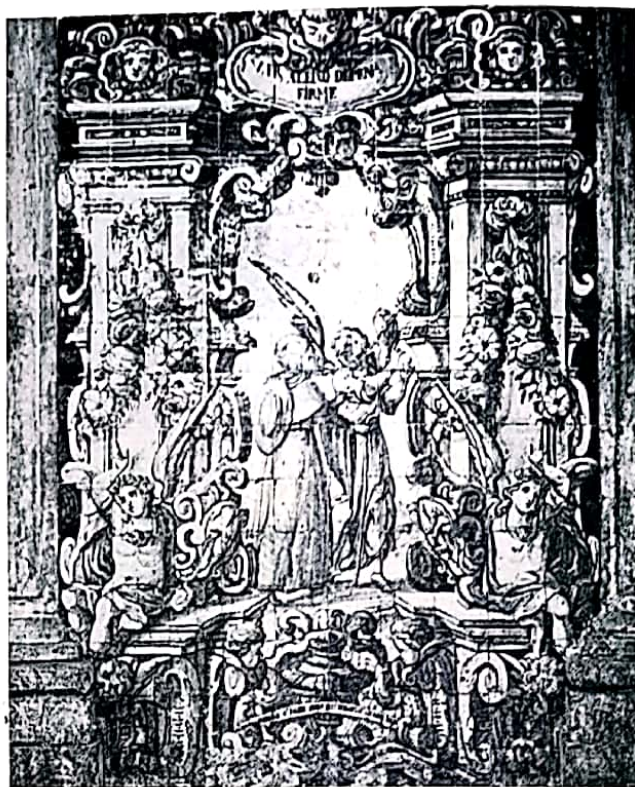
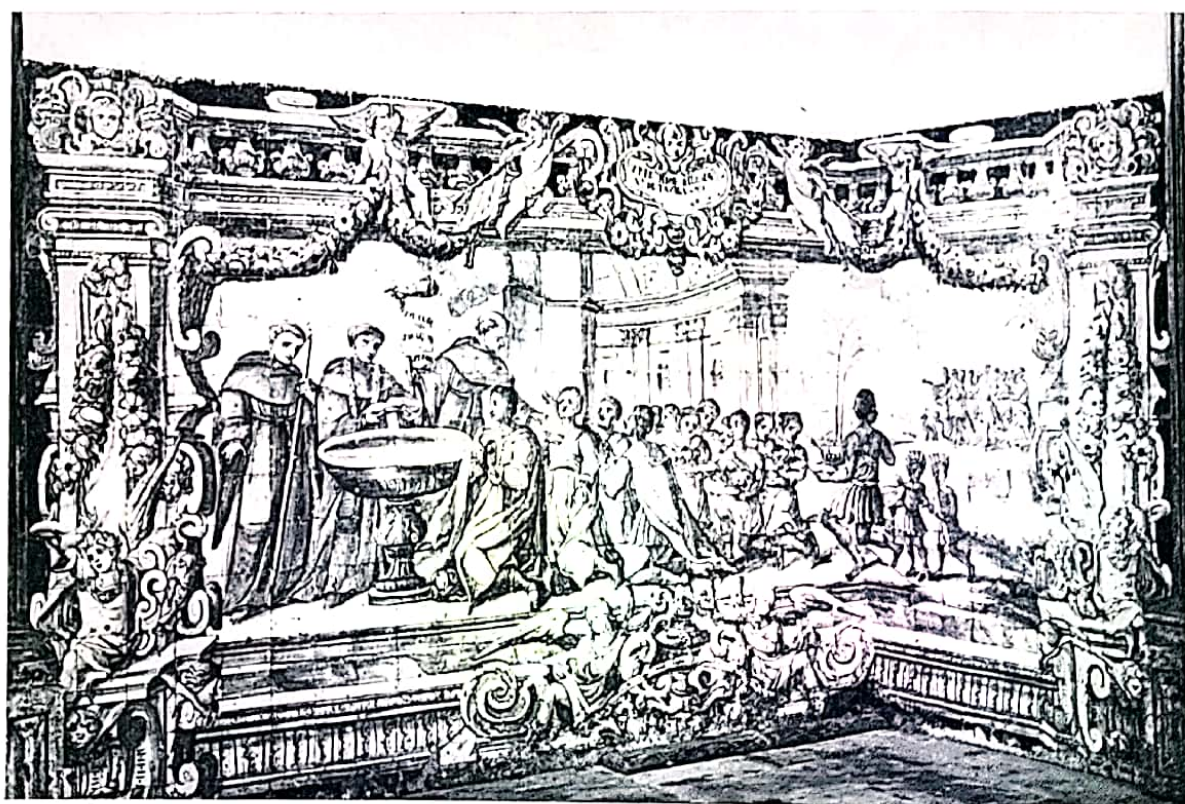



Fig. 10 — Veneravel Fr. Pedro da Graça

(17-2-1629), filho doutro vice-rei D. Afonso de Noronha, e veio para o reino.

Além de «Sermões», publicou «Verdadeira relação do grande e portentoso milagre que aconteceu com o Santo Crucifixo do coro da igreja das freiras de Santa Mónica de Goa a 8-2-1636» (Lisboa 1640).

8) Em face traseira do pilar, que separa, no fundo da crasta, os dois arcos simétricos aos da entrada, está outro azulejo, cuja moldura repete a de Fr. Álvaro, a mostrar dois prelados ostentando pálio, sentados lado a lado em cadeirões: «*V. D. Fr. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga e V. D. Fr. Aleixo de Menezes, arcebispo de Braga*»

A legenda infra diz: «Missão de Africa — Missão de Azia» *(sic)* e cada um desdobra ante si comprido fólio ou pergaminho:

«Predicate evangelium omnia creatura» lê-se num; «Ite... mitto vos sicut agnos inter lupos», no outro.

O primeiro arcebispo (nascido em 16-X-1537 e chamado a Deus a 25-XI-1609), filho de D. Fernando de Castro e de sua mulher D. Maria Ayala, professou em 1555 e chamava-se Pedro antes de tomar hábito. Definidor da Ordem, esteve em Roma no Capítulo Geral onde mostrou talento, e foi mandado, como visitador, por Gregório XIII, (Buoncampagno 1572 a 1585, o Papa do calendário) a reformar os conventos da Alemanha.

Pregador de Rodolfo II, regressou encarregado por Filipe II de serenar os irmãos de Aragão um pouco insubmissos; e, por isso, foi nomeado Arcebispo de Braga (1583). Deixou catálogo dos antístites antecessores, a história da viagem à Alemanha e Constituições do Arcebispado bracarense.

O segundo encheu páginas gloriosas da história da Índia e a ele me refiro, com certa minúcia, no meu estudo «Dois Santos Algarvios» ([1]). Governador daquele Estado e membro da regência de Portugal, arcebispo de Goa e primaz de Braga, decorreu-lhe a vida entre 25-1-1559 e 3-5-1617. João de Barros refere-se-lhe nas «Décadas». Alguns passos da sua vida estão registados em belos azulejos do Convento da Graça de Torres Vedras, cuja reprodução já várias vezes tentei, sem sucesso, infelizmente, mas ainda espero ter o gosto de ver feita.

9) Virado para o centro do quadro, costas contra costas dos antecedentes, «*V. Fr. Aleixo de Pena Firme*» mostra-se-nos aqui.

(Pena Firme era Convento levantado na praia de Santa Rita, ao N. da de Santa Cruz, ali a Torres Vedras, ao qual D. Diniz legou 100 libras e hoje transformaram em seminário-liceu do Patriarcado.) ([2])

Nada consegui averiguar mais acerca deste frade, com chapéu de peregrino compostelano, acompanhado por anjo que o vai guiando, como o de Tobias. Só sei que existe num morro, sobranceiro ao mar, a «Cruz de Frei Aleixo», a ele referido. Foi contemporâneo do Beato João de Estremoz, adiante referenciado.

«Angelis suis Deus mandavit de te», pode-se ler nos baixos do quadro, cuja legenda ensina:

«Acompanhou-o hum anjo na romaria de Sant Iago». A moldura é igual às individuais anteriores.

10) Ainda na parede do fundo, «*V. Fr. Pedro da Graça*», Nal. (natural) de Tavira» é lembrado em conjunto de espalhafato.

Professou aqui na Graça em 1-V-1562 e seguiu para África ocidental onde muito trabalhou e rendeu. Escreveu «História da Missão do Congo e Mina».

«No reino de Mina e Congo converteu e baptizou 4 reis gentios com seos filhos e vassalos», recorda a legenda. Deixou a vida a 19-3-1582.

É composição majestosa duns 8 metros. Três frades em torno de grande pia baptismal (já o Sacramento não era dado por imersão) procedem ao baptizado de numeroso grupo de negros bem trajados, agrupados em massa, de joelhos, seguidos de dois pretinhos semi-nus e doutro, adulto, portador numa salva da coroa e do ceptro real.

Dois irmãos seguram grandes velas acesas, outro lê as palavras sacramentais; ao mesmo tempo sai, de dentro de nuvem aérea, o braço e a mão da Providência como a espargir palavras, em bênção de bom augúrio:

«Constui te su/per gentem/et super»...

No livro, *quase* se pode ler o texto litúrgico, tal a finura de traço.

Fig. 11 — Veneravel Fr. Gaspar de Lisboa e Veneravel Fr. Atanásio de Arronches

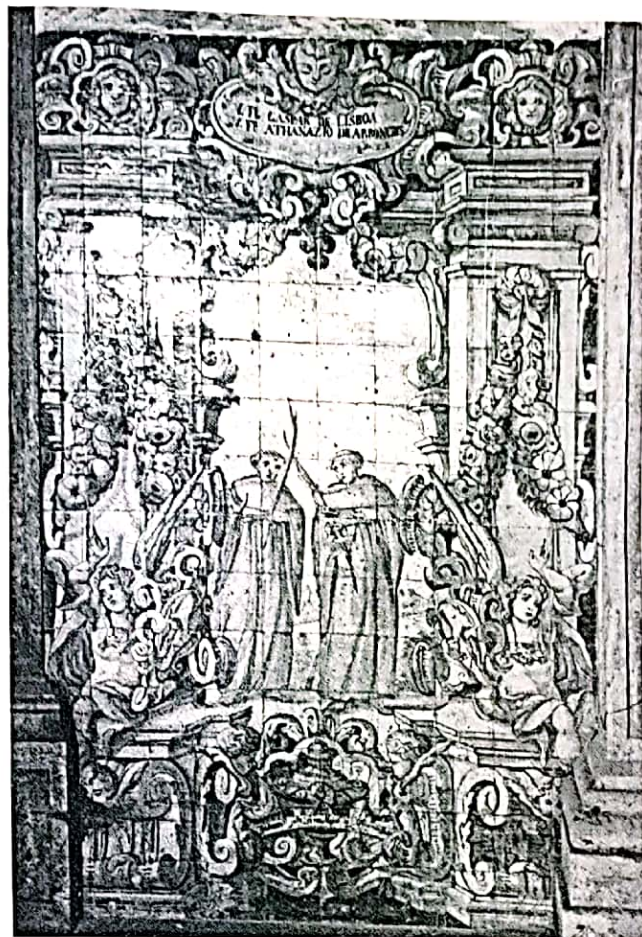



Fig. 12 — Beato Fr. Luís da Horta

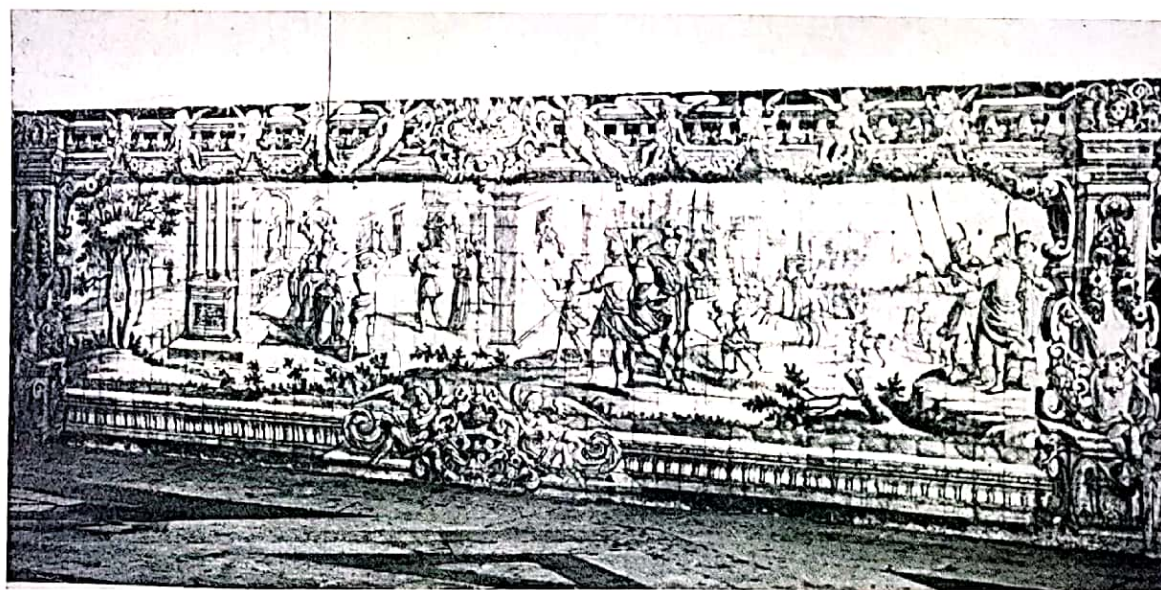
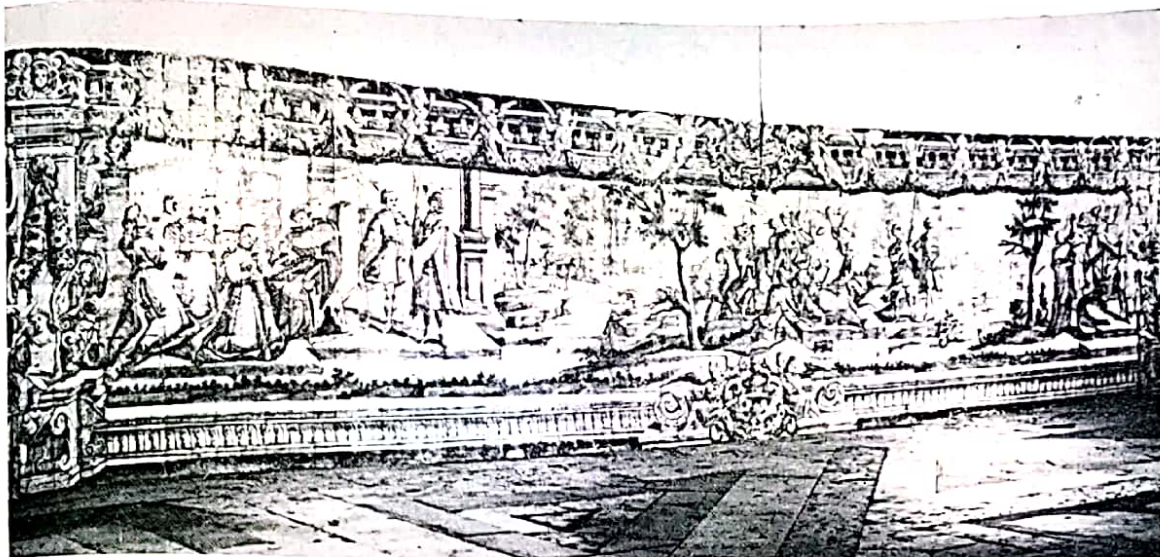



Fig. 13 — A veneravel D. Gativanda, Rainha do Gorgistão

11) Seguem-se, já na parede da direita (vimos circulando à roda) «*V. Fr. Gaspar de Lisboa e V. Fr. Athanazio de Arronches*», os quais «padecerão pela Fé na Missão de Mina. Ano 1575».

Ostentam palmas de mártires e numa se lê com dificuldade, qualquer coisa como isto:

«Ungulae . . . flagrum . . . pro Christi nomine».

Não pude obter quaisquer pormenores biográficos.

A moldura mantém o risco atrás indicado.

12) «*B. Fr. Luis da Horta natural de Goa* e prior de Mascate com seus subditos e comp.oe'» (companheiros), «padecerão martirio em Mascate às mãos dos Indios em 1647. 31 Outubro».

Fig. 14 — Beato Padre Fr. António da Natividade

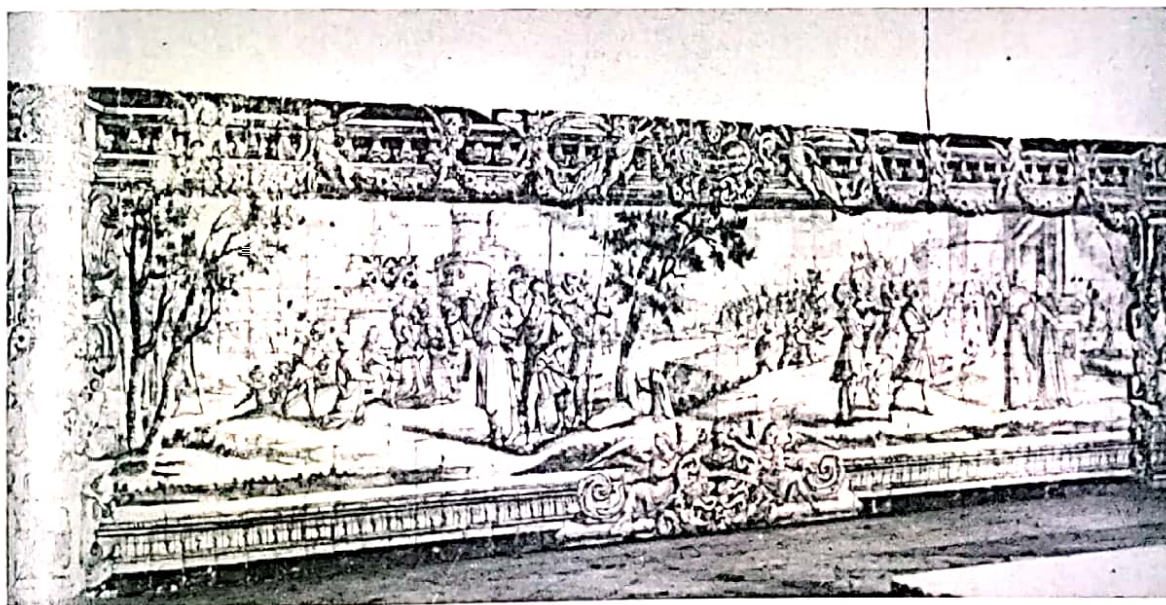
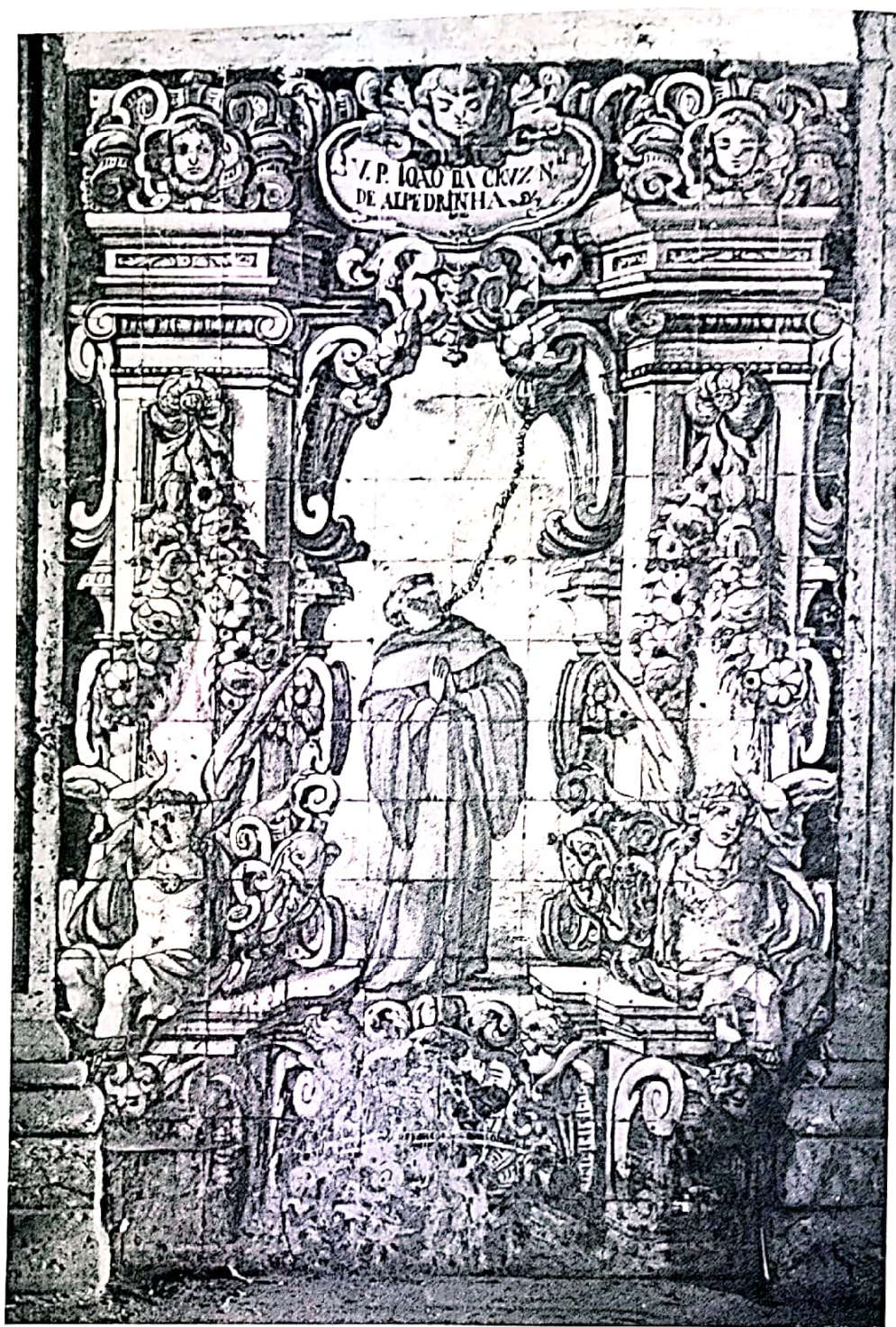



Fig. 15 — Veneravel Padre João da Cruz

É peça monumental de 7 metros, repartida em duas partes: na primeira, os frades são degolados à cimitarra em grupo, ajoelhados submissamente. Das portas abertas da prisão, soldados armados puxam outros cristãos e uma mulher também vai ser degolada, mas em pé.

Os algozes, uns de tronco nu, outros à janisara, ferem sem piedade.

Na segunda cena, mais movimentada, sem dúvida, um mártir é lançado pela janela fora de forte construção e vai cair nas garras dum grupo de assassinos armados de espada, lança e broquel em atitude inamistosa.

Vêem-se torres agudas e portas de torreão e muralhas, no plano fundeiro, perante as quais, em largo terreno, campeiam cavaleiros à gineta. Na extrema direita, três guerreiros em primeiro plano mostram-se arrogantes e temíveis.

— Mascate (outrora Imanato) fica na Arábia Meridional, sobre o mar de Oman, à entrada do Golfo Pérsico. Tomada por Albuquerque (1507) e aportuguesada, em 1522 D. Duarte de Menezes mandou-a fortificar. Em 1552, o capitão João de Lisboa, por ordem do viso-rei D. Afonso de Noronha, construiu as duas fortalezas ainda existentes: Bab el Kebir (Porta Nova), a Oeste; Bab el Seguer (Porta Velha) a Leste.

Em 1658, à traição, o «iman» Soltam ibn Saif penetrou na cidade e trucidou todos os portugueses: assim caiu o último baluarte lusitano, lá longe na Pérsia.

Fr. Luís da Horta é glória da igreja goesa, e mais um nome a acrescentar na lista longa de sacerdotes e mártires de origem indiana.

13) A figura central do enorme seguinte painel duns 9 metros, é agora, uma mulher heróica:

a «*Veneranda D. Gativanda, Rª.* (rainha) de Gorgistão, Irmã e Filha espiritual da Ordem de Santo Agostinho», conforme expressamente se reza.

«Padeceu martirio em Xirás da Persia a 22 de Setembro de 1624).

(*) Gorgistão (ou país de Gorgo ou Corgange (Khorkandj) fica na Trans-oxiania, ou seja a Bactriana ou Turquestão (Ásia Central), com Samarcande por capital.

(Xirás ou Chiraz é cidade do Irão, fundada em 700 pelos muçulmanos, pátria de poetas, centro de cultura e de artesanato, produtora de ricos tapetes, À época era soberano local Abbas I, o Grande (1587-1629). Celebrizavam-na os bazares e os caravanserralhos que atraiam muitos forasteiros. Os sismos de 1823 e 1824 danificaram-na muitíssimo.

(Xiraz era, também entre nós, designação genérica aplicada a todos os não-árabes do Golfo Pérsico).

O martírio foi pavoroso: arrancaram-lhe os seios: «Adjuva me Deus in tortura mamiliarum mearum» suplica a rainha soluçante.

Aqui, as cenas são três:

À sinistra, a vítima, ajoelhada com suas aias, aos pés do confessor, prepara-se para morrer, esperada à porta por dois guerreiros. No centro, separados por colunas de base quadrada e árvores raquíticas, homens a cavalo e a pé incarniçam-se contra a infeliz, deitada de costas no chão, as mamas arrancadas por longas tenazes. Anjinho volitante mantém suspensa a coroa de mártir.

À dextra, separado por outras árvores, grupo de cristãos rodeia uma urna, sobre a qual o dístico «Ossos da Rª. (rainha) martir» se encontra escrito.

A cena central ficou de realismo que arripia e confrange: vêem-se as tenazes a aquecer no fornilho, que o artista bem desenhou.

14) «*O B. P. Fr. Antonio da Natividade,* nªl. (natural) de Lisboa com seus companheiros», os quais «padecerão em Mombaça, com os cristãos doutrinados. Ano 1613 a 12 Agosto», é o assunto doutro, também, enorme painel, repartido em duas metades.

Em frente de cidade amuralhada com forte torre redonda de vários andares, coroada de ameias, cinco mulheres, de aspecto e trajes europeus, em genuflexão, sujeitam-se aos maus tratos de militares, sob a vista complacente dos maiorais, em amena cavaqueira a assistir, imperturbáveis, à chacina.

Ao lado, na outra metade, que árvore frondosa limita, no primeiro plano, dois frades, de pé, são afrontados por guerreiros em atitude hostil, enquanto do fundo marcha forte coluna mar-

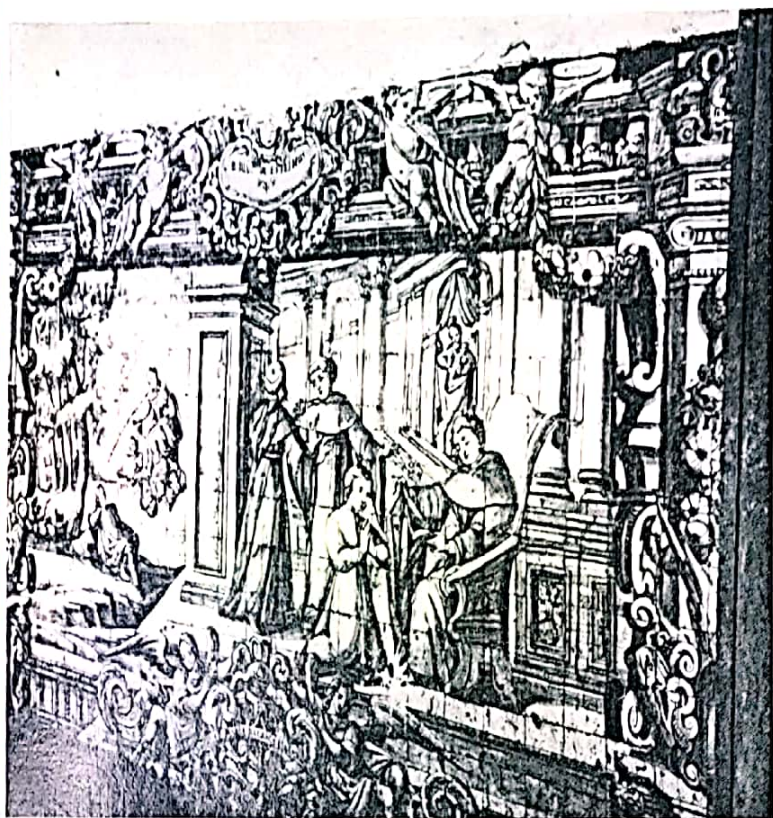



Fig. 16 — Beato João de Estremoz

cial de infantes, sob o comando de cavaleiro montado em fogoso corcel.

— Mombaça, península ligada a Portugal desde a 1.ª viagem de Vasco da Gama, tem história conhecida e não vale repeti-la aqui. Como sabido, pretenderam armar traição ao Capitão-mor na ida para a Índia.

«Foi tomada por o Vizo Rey dõ Frᶜᵒ. dalmeida. Ano 1505. A fortaleza fundou o vizo Rey Matias dalbuquerque Ano 1590», lê-se no Atlas de João Teixeira.

Da nossa passagem, resta a fortaleza de Jesus, padrão (até no nome) do sentido português de evangelização. Começada a construção por João Batista Cairato (ou João Batista, Giovanni Baptista Cairato) em 11-4-1593, caiu em 1699 sob poderio árabe; reconquistada em 13-3-1728, no ano seguinte capitulou inglòriamente.

Lá deixámos grande impressão que durou para além dos tempos e das gerações, como regista Boxer ([3]).

É que nós seguíamos o conselho de S. Francisco Xavier, que jamais deveríamos ter esquecido: «Com estes homens da India» (e nestas palavras se entendia toda a parte oriental da África) «por rogos muito se acaba e por força nenhuma cousa».

Em 1698 (18 de Novembro) escrevia de Goa a el-rei de Portugal o príncipe Dau: «Athé os vassalos mouros de Vossa Majestade têm lealdade portuguesa».

Por isso, temos conseguido *durar* no espírito e na alma dos autóctones.

Na tomada de Mombaça, entrou um ascendente meu, D. João Pereira, filho do Conde da Feira, capitão de Chaul, que serviu na Índia 16 anos até 1604. Combateu no cerco de Chaul e bateu-se no Cunhale. Foi para a Índia em 1533. Recebera a capitania de Goa em 1527, mas não a exercitara.

Não o confundir com outro D. João Pereira (seu tio?), que morreu em Alcácer Quibir, marido de D. Maria de Noronha e pai de D. Sebastião Pereira, a quem foi dada a capitania de Chaul pelos serviços do pai, nem com Dom João Frojas (Forjaz) Pereira, Conde da Feira, vice-rei da Índia desde 1608.

Também João Álvares Pereira, seu parente próximo (irmão de Adrião Pereira, fidalgo da

Casa Real, com serviços na Índia), capitão da Nau do Trato de Moçambique para a Índia (1558), por duas vezes (filho de Gonçalo Pereira) capitaneou a nau «que foi pelo Cravo» à Maluco em 1563. Era marido de Dona Vitória Lacerda e pai de D. Leonor de Lacerda: a esta última foi dada uma viagem ao Pegú (1588) pelos serviços dele; e, à primeira dama, duas viagens a Maluco (1592).

Ao mesmo sangue pertencia Dom Nuno Álvares Pereira, filho do 3.º Conde da Feira, cuja acção nos cercos de Moçambique (1607 e 1608), foi notável ([4]).

— Não se deve confundir este Fr. António com o homónimo de religião, também de Lisboa, († 1655) enterrado no Convento de Penha de França, lente que foi de Coimbra e Évora, o qual não foi martirizado.

15) Voltamos agora a outro quadro individual:

«*V. P. João da Cruz, de Alpedrinha*»

A legenda diz: «No dia da sua morte apareceo uma estrela».

Mostra um monge, de pé, mãos erguidas a soltar este grito:

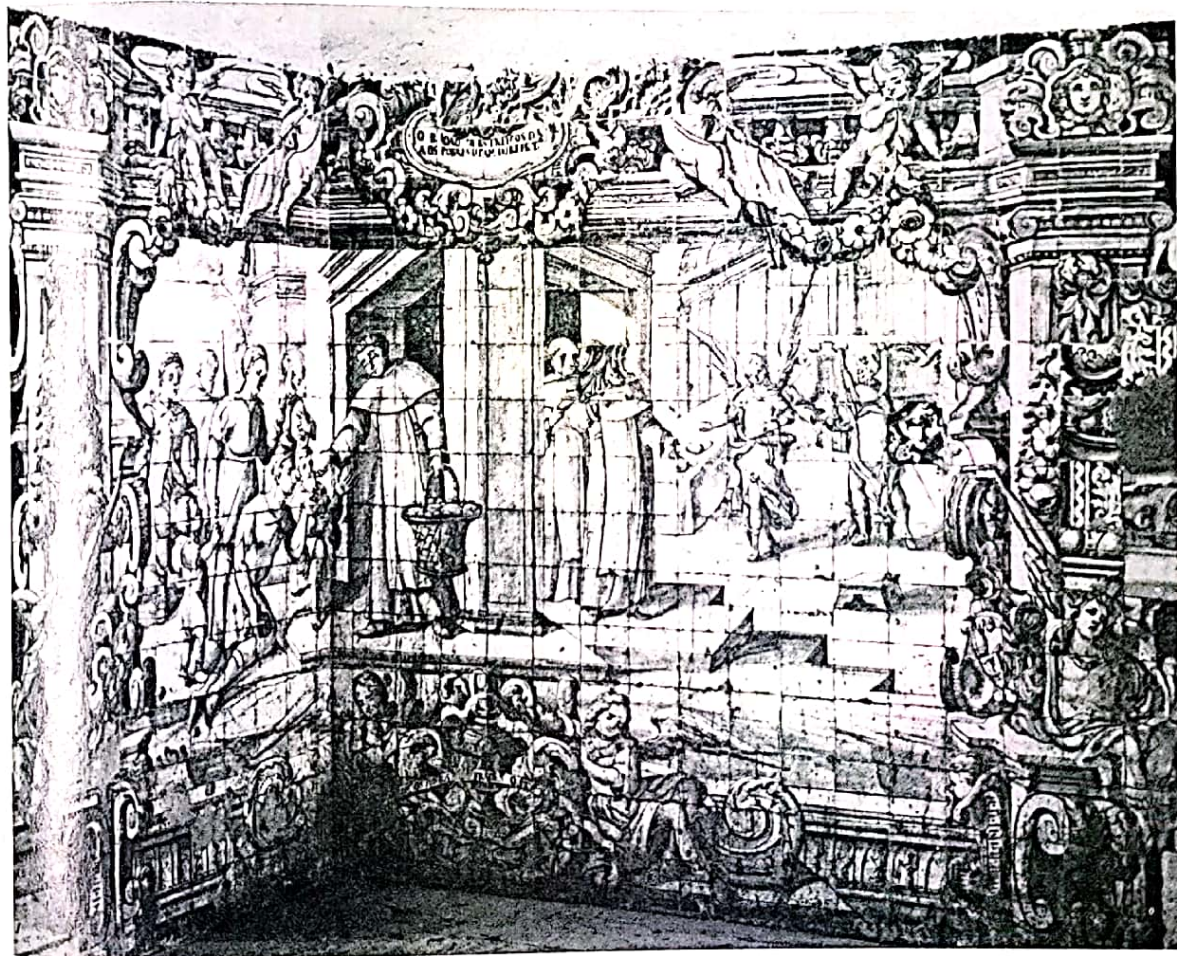
«Stella ista de mihi demonstrat» — o que parece vir esclarecer aquele dístico subposto.

Nada sei acerca do figurado, colocado na face interna do arco de entrada.

. . . E com ele damos fim à parte interior do salão capitular.

16) Já fora do portal encontraremos ainda mais duas representações, ambas alusivas ao mesmo indivíduo

«*O B. João de Estremos*»

Fig. 17 — Beato João de Estremoz

Trata-se do primeiro provedor do hospital das Caldas da Rainha, fundação de D. Leonor de Lencastre, quem para ali o mandou e lá o conservou 16 anos, a partir de 1482.

Faleceu no já referido Convento da Póvoa de Pena Firme, a 2 de Dezembro de 1517, onde jaz sepultado, na capela mor da igreja.

Duas vezes no-lo apresentam, como disse, sinal de grande respeito e consideração por seus serviços.

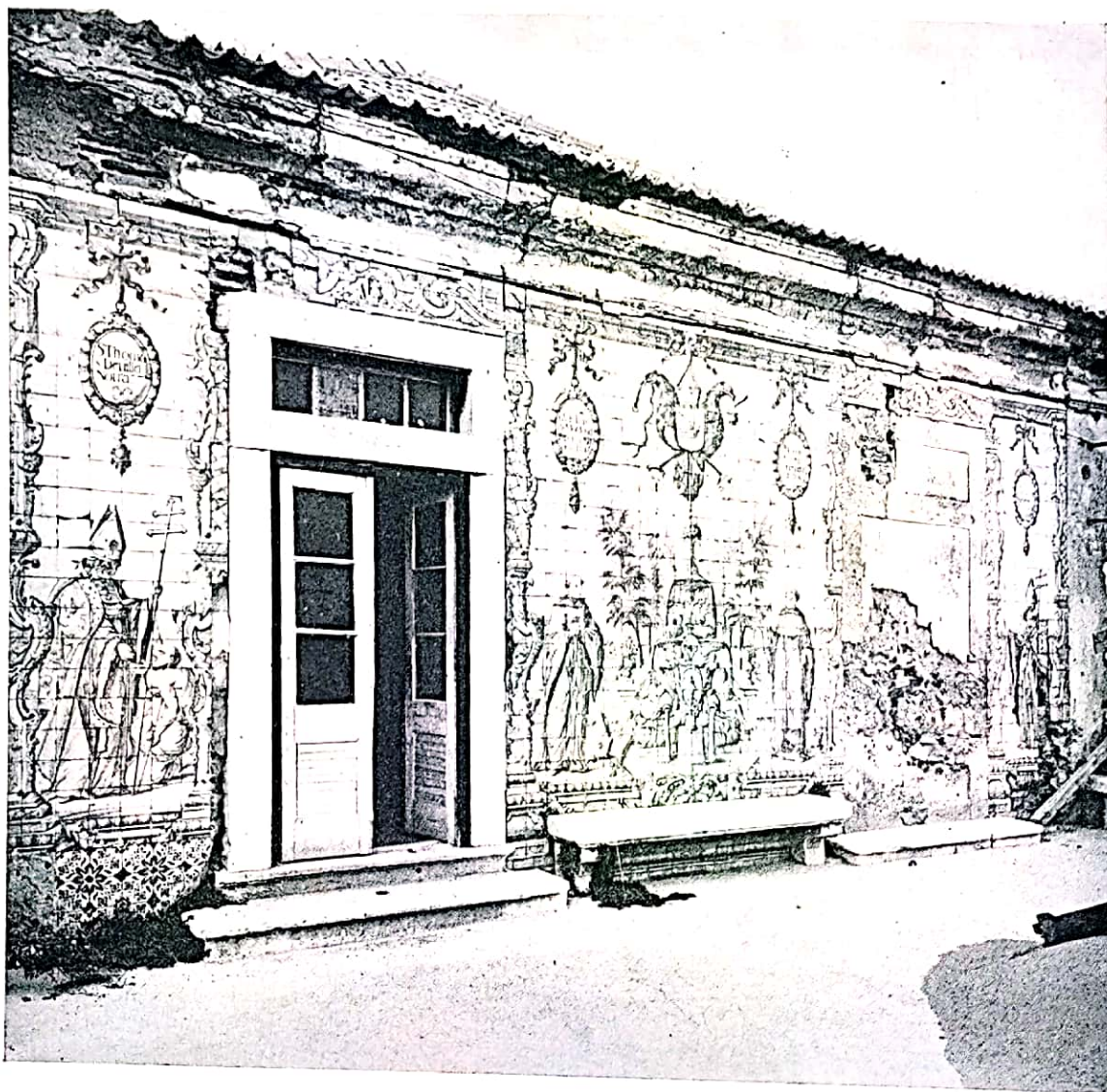
Na primeira, relatam a entrada na Ordem. João, rapazote imberbe, está adormecido e apareceu-lhe a Virgem a dizer, em letras colocadas em escrita invertida, da direita para a esquerda:

«João, vae a minha caza e fazete religiozo nella».

Por isso, se lê, por debaixo:

«Mandou a V. Maria da Graça tomar habito neste convento».

Parede grossa separa tal cena da imediata, na qual o jovem se prosterna, de joelhos, perante o prior e dele recebe o hábito, na presença de dois outros irmãos, um de costas para o observador.

Fig. 18 — S. Tomás de Vilanova; Fr. Luis de Montoya; Fr. Francisco de Vila Franca; D. Fr. Aleixo de Menezes

O cenário é de simplicidade e veracidade deveras apreciável.

17) No último da série,

«*B. João de Estremos* dá aos pobres o pam do convento».

E vê-se, num ângulo à portaria conventual, a distribuição por pedintes e andrajosos, novos e velhos, de pães tirados do cesto de verga, seguro pela asa na mão do benfeitor.

Outra cena representa a contrapartida de tal acto caritativo, pois (lê-se por baixo): «Retribuem os anjos aos frades o seu pam». No refeitório, a mesa comprida e vazia mostra só dois ou três pães iguais àqueles que foram dados, enquanto dois mensageiros divinos ostentam outros nas mãos e os entregam a três fradinhos admirados e espantados com tal acontecimento.

O emoldurado mantém-se igual nestes dois últimos, com anjinhos, sanefa, ramos de flores e frutos a dar realce e relevo ao painel central.

III

Noutro lugar do convento, em piso superior, ainda resta outro azulejo, merecedor de referência, se bem que modelado de modo totalmente diferente.

Em terraço — a dominar o Largo da Graça, onde bancos de pedra permitiam repouso e lazer, com seus muros cobertos de panos de azulejaria já de todo perdidos — subsiste uma parede totalmente azulejada, a azul e branco, com figurações que muito mais modernas, apreciàvelmente. (Do século XVIII, 1.ª metade, ao que informa a Crónica conventual).

18) «*S. Thoma/s de Villa/Nova*»

está inscrito dentro de elipse de eixo maior vertical e tem por baixo o arcebispo, de mitra e cruz processional, fixado no momento de dar comida a um aleijadinho a arrastar-se em muletas.

É santo muito invocado quando se perde qualquer objecto.

Outra elipse, igual, ao lado, encerra os dizeres:

«*V. Fr. Luis/de Montoya*/ Reformador desta Prov.ª» (Província).

Espanhol, n. em Belmonte (Cuenca), (1497), foi confessor del-rei D. Sebastião e, em odor de santidade, foi dar contas em 1569. Professara em 1515, em Salamanca, e durante onze anos fora prior em Lisboa. Em 1566, ao completar o Desejado dez anos, declinou o cargo de confessor régio e recolheu ao Convento (+ 1569). Deixou obras de mística, «Vida de Jesus», em vários volumes, hoje verdadeira raridade bibliografica». Em Lisboa (1588) foi publicada, em espanhol, por Jerónimo Roman, biografia deste frade, que por baixo, erecto, reza calmamente.

Fonte monumental ergue-se altaneira a separar este retratado doutros dois em situação parecida; sobre ela adeja águia bicéfala, de cujo bico pendem longa fita e um tinteiro com sua pena, ao mesmo tempo que as garras suspendem, uma, o brilhante sol, e outra, a pálida lua em minguante.

Os retratados são:

«*O V. Fr. Franc°. (Francisco) de Villa Franca*/Reformador/desta Prov.ª.», e o

«*V. D. Fr. Aleyxo de/Menezes/Primas/ /das Espanhas*» — aquele mesmo já atrás encontrado.

Do primeiro não obtive notícia; ao segundo acrescentarei o seguinte:

Era sobrinho de Lopo Soares de Albergaria, governador da Índia, e filho de D. Aleixo de Menezes (o aio de D. Sebastião, o protector de Camões). Mestre do noviciado de Lisboa com 29 anos, prior do Convento de Torres Vedras, do de Santarém e de Lisboa, foi 7.° arcebispo de Goa, em sucessão de D. Fr. Mateus de Mendonça, também agostinho.

Embarcou em 1595, e começou a igreja de Nossa Senhora da Graça em 1597, na presença do vice-rei D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira.

Em 1600 fundou o mosteiro de Santa Mónica, o maior edifício monástico do Ultramar português, e o recolhimento da Serra para donzelas nobres e pobres, onde mais tarde foi residir o Arcebispo de Cranganor, como já informei noutro estudo (5).

Governador interino, e efectivo, da Índia, sucedeu-lhe André Furtado de Mendonça.

Em 1599 convocou o Sínodo de Diamper (ou Udiamper) para dar remédio a incidente religioso no Malabar.

Ao largar o governo da arquidiocese em 31-1-1611, deixou lembrança tal que se falava «do tempo dos Xavieres e dos Menezes», aludindo a S. Francisco e a ele.

Veio para Arcebispo de Braga e vice-rei de Portugal, até falecer em Madride, onde se deslocara a tratar de assuntos portugueses.

(Não o confundir nem com o pai, nem com um afilhado, homónimos; o segundo, descendente do Grão Mogol, foi baptizado por D. Aleixo).

Sepultado no Real Convento de S. Filipe de Madride e trasladado (1621) para o Colégio do Populo de Braga, levou «diante do corpo» a Cruz primacial de Braga, onde entrara, como prelado, a 8-8-1612.

IV

Eis, quanto soube dizer e explicar acerca dos azulejos do Convento da Graça de Lisboa, ainda em estado de conservação bastante apreciável, o que os torna elemento instrutivo e de nível artístico notabilíssimo, cuja perda será de lastimar.

Neste momento, julgo-os entregues em boas mãos e carinhosas; mas, receoso de quanto possa vir a suceder, quis, ao menos, dessas obras que reputo muito merecedoras de respeito, deixar débil lembrança e memória.

Estes panos de azulejos, pelos elementos biográficos e etnográficos que nos transmitem, são, não apenas, elementos artísticos do maior preço, mas, simultâneamente, servem como documento, como atestação de pormenores da vida de figuras portuguesas de relevante valor: elas deram, em holocausto à Religião, à Pátria, à civilização, o bem mais precioso — a própria vida.

Mártires da Fé — ou portugueses de origem e de nação ou só de convicção — esses nativos, que acompanham os fradinhos no heróico martírio e na imarcessível glória, foram outras tantas testemunhas das altas qualidades do povo lusitano para assimilar — assimilando-se ele também aos outros — os indígenas dos vários Continentes.

Lado a lado, pois, com a valia na arte da azulejaria, estes painéis mostram-se, incontestàvelmente, como padrões da História de Portugal.

Por isso me pareceu justo e conveniente a sua publicação, pois a História se baseia, e é feita, com toda a sorte de especimens documentais: e estes azulejos são mais um e de categoria, indubitàvelmente.

Deveriam mesmo ser considerados, *oficialmente*, como monumento histórico a conservar e a defender. Nem tão ricos somos que tais valores artísticos se possam perder.

---

(1) Meyrelles do Souto — «Dois santos algarvios» — «Ocidente» — Vol. LXXXIV (1968).

(2) Este convento de Pena Firme desempenhou papel de certo relevo na defesa da costa portuguesa contra corsários moiros. A 30 de Junho de 1620, Fr. Roque da Gama, valente e possante, com mais cinco religiosos, prendeu 14 assaltantes e «levou-os de presente ao Senhor Rei», conta Vilhena Barbosa.

O Prior era designado «Prior-capitão».

Aqui viveu Fr. Tomé de Jesus, autor da obra clássica, «Trabalhos de Jesus».

O mosteiro foi senhor das Águas do Vimeiro («Águas do Convento»), conforme se lhes refere o Dr. Fonseca Henriques no «Aquilegio Medicinal». Foi encerrado em 1834.

(3) Charles Boxer e Carlos de Azevedo — «A fortaleza de Jesus e os portugueses em Mombaça» (1960).

(4) Meyrelles do Souto — «Hystorya dos Cercos que os olandezes puzerão à fortaleza de Mozambique o Anno de 607 e 608» — *in* «Studia», (Julho 1963).

(5) Meyrelles do Souto — 1) «O Arcebispo de Cranganor, D. Fr. José Joaquim da Imaculada Conceição Amarante» — Lisboa (1956) — 2) «Acerca do Padroado do Oriente — A arquidiocese de Cranganor» — «Bol. da Agência do Ultramar» (1958).